



**COM UM ESPÍRITO EVANGELIZADOR  
HOMILIA NA PEREGRINAÇÃO ARCIPRESTAL  
DA PÓVOA DE LANHOSO**

24 Maio 2015 – N. Sra. do Pilar, Póvoa de Lanhoso – 11h

Nesta peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Pilar, queremos estar com Maria e os Apóstolos, reunidos no cenáculo, e fazer a experiência da descida do Espírito Santo, prometida por Cristo na Sua pregação. Este santuário deve transformar-se, por este motivo, num verdadeiro cenáculo. Com Maria tomamos consciência de que somos templo do Espírito Santo e que é o Espírito quem forma e dirige a Igreja. Dá-lhe a forma de uma comunidade de pessoas e dirige-a quando coloca os diversos dons e talentos ao serviço do Povo de Deus.

S. Paulo, na segunda leitura, é elucidativo. Há um só Espírito mas diversidade de dons espirituais, ministérios e opções que “se manifestam [...] para o bem comum” (1 Cor 12, 7). Todos temos talentos que devem ser colocados ao serviço do bem comum, como se recordava no Domingo passado. É esta co-responsabilidade que temos de estimular e de viver sempre mais.

O Espírito é um dom oferecido a todos. É único, irrepetível, e a pessoa da Trindade que nos “funde” numa única realidade, num único corpo. Já S. Cirilo de Alexandria dizia:

Nós todos, que recebemos o único e mesmo Espírito, quer dizer, o Espírito Santo, fundimo-nos entre nós e com Deus. Porque, embora sejamos numerosos separadamente, e Cristo faça com que o Espírito do Pai e seu habite em cada um de nós, este Espírito único e indivisível reconduz pessoalmente à unidade os que são distintos entre si [...] e faz com que apareçam n’Ele como sendo um só. E assim como o poder da santa humanidade de Cristo faz com que todos aqueles em quem ela se encontra formem um só corpo, penso que, do mesmo modo, o Espírito de Deus, que habita em todos, único e indivisível, os leva todos à unidade espiritual (S. Cirilo de Alexandria, *Commentarius in Iohannem* 11, 11).

Esta unidade não é mera experiência mística. É muito concreta e real. E, se não o é, deve-se ao egoísmo e ao triunfo generalizado do interesse pelo bem individual em detrimento do bem comum. Toda a *Doutrina Social* nasce e orienta-se para este grande princípio doutrinal. O mundo, obra de Deus, é para todos e não apenas para alguns. De



modo semelhante, a dignidade de vida não é privilégio de alguns mas um direito universal.

Este ano propus-me, nas peregrinações arciprestais e em sintonia com o Programa Pastoral, falar dos princípios da Doutrina Social da Igreja. Quero, por isso, aprofundar um pensamento sobre o destino universal dos bens. Não pretendo deixar-vos uma explicação exaustiva deste argumento. A Doutrina da Igreja é muito rica e exige reflexão pessoal e em grupo. Com brevíssimas considerações, gostaria de suscitar em todos o apetite por um conhecimento mais aprofundado.

Também foi sugerido, no Programa Pastoral, que as paróquias e os arciprestados relesem a *Guadium et Spes*, numa altura em que recordamos os 50 anos da sua publicação. Num determinado momento afirma-se que “Deus destinou a terra e tudo o que ela contém para uso de todos os homens e de todos os povos, de sorte que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a regra da justiça, inseparável da caridade” (G.S. 69).

Todas as pessoas, de todos os quadrantes geográficos, necessitam de bens materiais para poder usufruir das condições básicas para uma existência onde as necessidades primárias são devidamente satisfeitas. Isto não quer dizer que “tudo esteja à disposição de cada um ou de todos, nem mesmo que a mesma coisa sirva ou pertença a cada um ou a todos” (Compêndio D.S.I. 173). É sempre necessária uma regulamentação que concilie os direitos individuais com o bem do todo. Só que a formação de riqueza deve ter sempre uma “função social”, isto é, todos devem empenhar-se para que cada pessoa ou povo possua todas as condições para um desenvolvimento integral. Isto faz com que a Igreja reconheça o direito à propriedade privada e recorde sempre que, para além de um interesse pessoal ou familiar, deve existir uma sensibilidade universal. Existe sempre uma “hipoteca” – palavra de João XXIII – com a qual se serve os mais necessitados.

Ao afirmar a verdade do destino universal dos bens, devemos recordar que, perante um mundo onde as desigualdades se acentuam cada vez mais, é urgente criar esta consciência. Não é lícito acumular, muitas vezes explorando os mais débeis, servindo-se de subterfúgios de verdadeira corrupção e imaginando artimanhas descaradamente orientadas para acentuar essas desigualdades. Existem multidões de



mendigos, sem abrigo, sem assistência médica, sem capacidade de pagar a renda. Não os podemos ignorar.

Todos temos verdadeiras responsabilidades sociais. Não bastam as estruturas eclesiais e as respostas autárquicas. Apenas uma consciência nova nos leva a partilhar e a exercitar todas as obras de misericórdia. Gostaria de convidar ao exercício da esmola, quer a nível individual quer às instituições da Igreja que são uma resposta válida às numerosas formas de pobreza. “O amor pelos pobres é certamente incompreensível com o amor imoderado das riquezas ou com o uso egoísta das mesmas” (CDSI 185).

A festa do Pentecostes recordou-nos que o Espírito nos une a todos e a todos congrega num único corpo. Não posso sentir-me bem quando ao meu lado existem carências ou misérias. Não será este o tempo favorável para se constituírem equipas socio-caritativas? Junto da Senhora do Pilar, deposito esta prece. Espero que elas se constituam a nível arciprestal, interparoquial ou paroquial. Ninguém pode sentir a consciência tranquila perante situações de carência. Que a Senhora suscite muitos voluntários e que estes se dirijam a uma formação que a Caritas oferece e que, posteriormente, intervenham na Igreja e no tecido social.

Pedirei, em todas as peregrinações, que os arciprestados nos sacudam a todos, sacerdotes e leigos, e nos mostrem que a fé manifesta a sua qualidade através das obras quotidianas. Trabalhar na caridade e pela caridade não é opcional nas comunidades. Se Deus nos criou e nos ofereceu todo o mundo, destinando-o não apenas a alguns mas a todos, imaginemos formas novas de viver a caridade, sejamos criativos e não nos contentemos com tradições. É grande a responsabilidade da Igreja no momento presente. Será maior a alegria que experimentaremos se transportarmos a doutrina para a existência quotidiana dos cristãos e das comunidades.

No cenáculo, Maria esteve com os Apóstolos. Eram, até àquele momento, homens tímidos e tristes pela ausência de Cristo. O Espírito Santo colocou-os no coração das cidades e dos problemas humanos. Os milagres foram acontecendo. Que Maria nos conduza a casa com outras disposições. Vamos saborear e agradecer quanto Deus nos dá, mas, também, trabalhar para que todos tenham os bens que lhes pertencem, não por simples caridade, mas por verdadeira justiça.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*